

»Entrevista | **WLAMIR CAMPOS** | PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO

No marco de 300 dias para o Mundial de Marcha Alética na capital federal, chefe da entidade destaca como a cidade está pronta para a versão inédita do evento na América do Sul e compartilha a influência de Caio Bonfim na definição da sede

“Mais luz sobre Brasília”

VICTOR PARRINI

Paranaense de Rolândia, Wlamir Motta Campos foi inspirado por um brasileiro a tornar-se arremessador de peso e, posteriormente, presidente da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt). Campeão dos 800m na Olimpíada de Los Angeles-1984 e prata na prova de meio-fundo em Seul-1988, Joaquim Cruz é uma das referências do chefe de uma das mais visadas entidades do esporte olímpico do país. Daqui a 300 dias, o dirigente estreitará os laços com o Distrito Federal ao colocar em cartaz no quadradinho o Mundial de Marcha Alética.

O evento em 12 de abril de 2026 será o primeiro no hemisfério sul. A disputa passará pelo coração da capital federal, com largada na Catedral Metropolitana, cruzando o Eixo Monumental e outros cartões-postais de Brasília. A realização é um tributo ao papel da CBAt e reconhecimento ao ceileiro da modalidade. O DF ostenta o único medalhista olímpico da marcha alética. Talento de Sobradinho, Caio Bonfim será o anfitrião da festa. Em entrevista ao *Correio*, Wlamir destaca a escolha da cidade e destrincha o cenário do atletismo no Brasil.

Bruno Barros/Fotop



“Temos o DF inteiro praticando atletismo em projetos sociais. O DF foi campeão brasileiro masculino sub-18 de todas as provas, com 905 atletas disputando. O atletismo que teve Joaquim Cruz e grandes ídolos vem com uma geração legal”

Entramos na contagem regressiva. Como andam os preparativos para um evento dessa magnitude no DF?

O coração está batendo mais forte, porque o tempo está passando muito rápido. Há uma vantagem: Brasília está pronta. Para o Mundial, não temos de construir nada, temos de organizar. Além de fazer um grande Mundial, que seja uma experiência para esses atletas que estão vindo do mundo todo, para conhecer, vender, expor e girar a economia de Brasília. Queremos mostrar ao mundo que estamos preparados e que o Brasil não tem essa imagem que se faz, ainda mais Brasília. Queremos colocar muita luz sobre Brasília, sabemos do potencial gigantesco.

A medalha de prata do Caio em Paris foi decisiva para a escolha de Brasília como sede?

Com certeza. A World Athletics busca novos mercados e somos um país de 200 milhões de habitantes. O evento nunca foi disputado no hemisfério sul. Esse é um ponto. Mas, se nós não tivéssemos nenhum ídolo, não faria sentido levar uma prova desconhecida a um lugar no qual não tem alguém que seja referência. É diferente da situação que vivemos hoje. O Caio é um ídolo do atletismo mundial. Tenho certeza de que, se não fosse o Caio, não teríamos o Mundial aqui.

Qual a importância de um ídolo?

O efeito do Caio para o desenvolvimento da marcha alética no Brasil foi absurdo. Nos orgulhamos muito e que tem a ver com o DF: o João Sena, pai e técnico do Caio. A marcha alética não existia nos JEBs nem nos Jogos da Juventude. Conseguimos trabalhar isso

levando sempre o João Sena como referência. Conseguimos inserir nos JEBs e passou a ser obrigatória a prática da marcha alética no Brasil. Há dois anos, inserimos nos Jogos da Juventude e, hoje, é uma das provas mais concorridas.

Como anda a relação da CBAt com o COB?

Excelente. Desde que assumimos, buscamos essa aproximação. O COB, sem sobra de dúvidas, tem que ser o nosso maior parceiro, pois somos a maior delegação em todos os Jogos. Temos muitos atletas com potenciais e precisamos estimular e permitir que eles participem de eventos no mundo todo. No atletismo, tanto no Mundial quanto em Olimpíadas, tem duas formas de estar: por índice ou ranking. Infelizmente, a World Athletics tem uma visão eurocentrista.

As competições estão todas no hemisfério norte, principalmente nos EUA e na Europa. Nossos atletas têm uma desvantagem muito grande em conquistar pontos, porque fazemos competições aqui, mas as principais estão lá. Para isso, precisamos de parceiro, e o COB tem sido um grande aliado.

Como estão as contas da CBAt?

Nós mais que dobramos a receita, por meio das renovações com a Caixa, mas, principalmente, pelos termos de fomento. Com essa ideia de descentralizar as competições no Brasil, eventos que eram realizados com recursos da Caixa sempre nos mesmos lugares, comecei a ter parceiros. Com isso, ao entrarem esses recursos, eu os desonero. Ou seja, é mais dinheiro da Caixa que posso investir em outros projetos. Das 38

Confederações olímpicas, cinco são autossuficientes.

Já foram procurados por bets?

Duas vezes. Mas, como temos o patrocínio com as Loterias Caixa, não temos como ter bets no atletismo. Confesso a você que também não quero. Acho que essa aposta não dialoga com o atletismo. Tenho muito receio. A World Athletics tem essa preocupação. Não queremos que tenha nenhum tipo de contaminação ou influência de apostas esportivas no resultado do atletismo. Mas eles estão chegando. É um caminho sem volta. Isso vem sendo bastante discutido, mas espero ‘não precisar’. Se depender de mim, não quero bets no atletismo.

Como estão as pistas do Brasil?

A infraestrutura é um problema.

Das 27 unidades da Federação, só duas não têm pista sintética: Rondônia e Bahia. Nosso desafio é fechar o mapa. A maioria das pistas, hoje, estão em universidades federais ou em bases militares. Faltam pistas, mas mais grave do que isso é não podermos acessar as pistas. Apresentamos uma proposta há dois anos e vamos insistir nisso: faz-se necessário regulamentação para o uso dessas pistas.

Além disso, há o fato de termos pistas, mas não termos a infraestrutura, equipamentos e implementos. Temos 40 pistas aproximadamente, só duas com equipamentos e implementos. Dificuldade muito para treinamento e realização de competições.

O Brasil é muito grande. Dá para dizer que cada estado contribui para o desenvolvimento específico de alguma modalidade?

Não dá para cravar, mas Rio de Janeiro é forte em provas de velocidade. Em Brasília, a marcha alética. Estados do Sul, arremesso e lançamento, até pelo próprio biotipo. O resto está bem pulverizado. O atletismo está presente nas 27 unidades da Federação.

Se pudesse mudar apenas uma coisa no atletismo brasileiro com um estalar de dedos, qual seria?

Uma pista em Petrolina (PE), porque estamos no núcleo do sertão, sem nenhuma pista e com um potencial gigantesco. Fui em projetos onde não há água na escola, mas há campeões sul-americanos.

Qual momento mais te emocionou como presidente e amante do esporte?

Do alto rendimento, o Caio. Tive o prazer estar assistindo presencialmente à prova, carregando o filho dele no colo. Por outro lado, na iniciação, uma atleta de Russas (CE), que mora em barraco, não treina na pista e, aos 14 anos, bateu dois recordes brasileiros. Aquilo mostrou que era isso que eu queria. Precisamos colocar luz sobre essas crianças. Agora, de todos os tempos, a medalha de ouro de Joaquim Cruz, em 1984. Foi o que me fez entrar no atletismo. Aos 14 anos, aquilo me chamou a atenção e jamais imaginei que me tornaria amigo dele.

CB.PODER

Washington detalha trabalho na APFUT

MEL KAROLINE*

Em clima de estreia do Fluminense na Copa do Mundo de Clubes da Fifa, o programa CB Poder — parceria entre *Correio* e TV Brasília — recebeu um dos grandes ídolos do tricolor. Centroavante finalista da Libertadores pelo clube na edição de 2008 e campeão da Série A do Brasileiro em 2010, o brasiliense comentou sobre a atuação em nova posição fora das quatro linhas, a de presidente da Autoridade Pública de Governança do Futebol do Governo Federal (APFUT).

À frente da APFUT há mais de um ano, Washington detalha como funciona o Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, o Profut. “A Autoridade Pública do Futebol tem um programa que se chama Profut. Criado em 2015, serve para os clubes que devem à União os impostos federais. O Profut é como se fosse um REFIN da pessoa física. O clube deve um valor exato, e ele pode parcelar essa dívida em várias vezes e pagar para não afetar a sua parte econômica e financeira”, explica.

“Atualmente, são 34. O máximo que teve foi 106 clubes, aproximadamente. Alguns já pagaram, outros não conseguiram, saíram do Profut e foram excluídos. Eu falei dos credores, porque os clubes pedem, vamos dizer assim, o valor emprestado para a Caixa Econômica, para o Banco Central, para a Receita Federal ou à PGR, que aí já faz parte do Ministério da Fazenda”, emenda Washington.

Questionado sobre como convencer diretorias a reverem administração para sanar problemas, o ex-atacante destaca o poder do diálogo e como isso pode influenciar na discussão do Fair Play Financeiro no país. “O que a gente pode ter é uma conversa com os clubes que aderirem ao Profut. Os que não aderiram, a gente não tem relação. Ou seja, a gente não pode negociar. Agora, existe uma conversa no futuro, que talvez a Profut esteja nessa discussão sobre o Fair Play financeiro. Aí nos envolvemos com a CBF e com todos os clubes. Estamos numa conversa com o Ministério da Fazenda para que se abra uma nova janela, porque tem muitos clubes que querem adentrar.”

O Coração Valente enxerga ser necessário abrir nova janela

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ex-jogador, Washington deseja que clubes do futebol nacional se reestruturem e gerem maior competitividade

O Correio está na Copa do Mundo de Clubes

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O jornalista Marcos Paulo Lima é o enviado especial do *Correio Braziliense* à Copa do Mundo de Clubes da Fifa nos Estados Unidos. Até a final em 13 de julho, levará ao site, jornal, redes sociais e TV Brasília, informações de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras, bastidores e análises do que acontece de melhor nos gramados da primeira edição do badalado torneio.

para clubes entrarem no programa e atualizar os termos para dar oportunidade às Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs). “Tem muitas que, em 2015, eram associações. Precisamos dar uma atualizada, ajustar o programa para que os clubes SAF também entrem e absorvam o Profut.”

O artilheiro do Brasileiro de 2004, com 34 gols, salienta que o Profut não tem participação da CBF. “É um programa governamental. A CBF não está nesta discussão. Claro que nós, entrando na discussão Fair Play financeiro, que é muito importante o governo estar presente nessa discussão, aí sim vai envolver a CBF”, justifica.

Washington lamenta as situações administrativas de alguns clubes e da CBF. “As pessoas podem pensar que não, mas uma boa gestão reflete em campo. Estamos há 24 anos sem ganhar títulos, o nosso último foi em 2002, do qual quase participei, fui até os últimos amistosos. A CBF está passando por essa turbulência desde aquela época, com presidentes saindo e sendo afastados”, queixa-se.

“Estamos com esperança de que o novo presidente consiga ajustar a situação e tenha pessoas competentes para ajudá-lo. Há muitos atletas preparados, com conhecimento fora de campo e que reconhecem o que acontece dentro”, defende.

* Estagiária sob a supervisão de Victor Parrini